

ARLONG, OITO ANOS ANTES

— Vá lá — implorou Mingzha. — Por favor, eu quero ver.

Nezha agarrou o irmão pelo pulso rechonchudo e puxou-o para longe da zona rasa do rio.

— Não temos autorização para passar dos nenúfares.

— Mas não queres saber? — choramingou Mingzha.

Nezha hesitou. Ele também queria ver o que havia nas cavernas a seguir à curva. As grutas do Rio das Nove Curvas eram um mistério para as crianças Yin desde que tinham nascido. Elas tinham crescido com avisos de males sombrios adormecidos, escondidos por trás das entradas das cavernas; de monstros que se escondiam lá dentro, desejosos que crianças tolas tropeçassem nas suas mandíbulas.

Só isso teria sido suficiente para atrair as crianças Yin, as quais eram todas aventureiras ao extremo. No entanto, elas também tinham ouvido rumores de grandes tesouros; de pilhas subaquáticas de pérolas, jade e ouro. O tutor de Nezha nos Clássicos dissera-lhe, uma vez, que cada peça de joalheria perdida na água acabava inevitavelmente naquelas grutas do rio. E às vezes, em dias claros, Nezha achava que conseguia ver, da janela do seu quarto, a luz do Sol a cintilar no metal brilhante na entrada das cavernas.

Há anos que ele queria desesperadamente explorar aquelas cavernas — e hoje seria o dia certo para o fazer, quando todos estavam demasiado ocupados para prestar atenção. Mas era sua responsabilidade proteger Mingzha. Nunca tinham confiado nele antes para cuidar do

irmão sozinho; até hoje ele fora sempre demasiado pequeno. Mas esta semana o pai estava na capital, Jinzha estava na Academia, Muzha estava no estrangeiro, nas Torres Cinzentas, em Hespéria, e o resto do palácio estava tão enervado por causa da doença súbita da mãe que os criados tinham-se apressado a passar Mingzha para os braços de Nezha, dizendo a ambos para se manterem longe de sarilhos. Nezha queria provar que estava à altura da tarefa.

— Mingzha!

O irmão tinha voltado para as águas baixas. Nezha praguejou e correu para a água atrás dele. Como é que uma criança de seis anos se conseguia mover tão depressa?

— *Vá lá* — implorou Mingzha quando Nezha o agarrou pela cintura.

— Não podemos — disse Nezha. — Vamos arranjar problemas.

— A mãe tem estado na cama a semana toda. Ela não vai descobrir. — Mingzha contorceu-se nos braços de Nezha e lançou-lhe um sorriso travesso. — Eu não vou dizer nada. Os criados não lhe vão contar. Tu vais?

— És um demoniozinho — disse Nezha.

— Eu só quero ver a entrada. — Mingzha sorriu esperançosamente para ele. — Não precisamos de entrar. *Por favor?*

Nezha cedeu.

— Vamos só contornar a curva. Podemos observar a entrada das cavernas à distância. E depois voltamos, percebeste?

Mingzha gritou de alegria e saltou para a água. Nezha seguiu-o, baixando-se para agarrar a mão do irmão.

Nunca ninguém fora alguma vez capaz de negar nada a Mingzha. Quem é que o conseguiria fazer? Ele era tão gordo e feliz, uma bola saltitante de risos e alegria, o tesouro absoluto do palácio. O pai adorava-o. Jinzha e Muzha brincavam com ele sempre que ele queria e nunca lhe diziam para desaparecer, como Jinzha fizera tantas vezes com Nezha.

A mãe adorava-o acima de tudo — talvez porque os seus outros filhos estivessem destinados a ser soldados, mas ela poderia manter Mingzha só para si. Vestia-o com sedas finamente bordadas e adornava-o com tantos amuletos da sorte em ouro e jade que Mingzha tilintava por onde

quer que andasse, sobrecarregado com o fardo da boa sorte. Os criados do palácio gostavam de brincar, dizendo que conseguiam sempre ouvir Mingzha antes de o verem. Nezha queria que Mingzha parasse para retirar as joias, temendo que elas o pudessem arrastar para debaixo das ondas que já lhe chegavam ao peito, mas Mingzha avançou como se não tivesse peso.

— Vamos parar aqui — disse Nezha.

Eles nunca tinham chegado tão perto das grutas em toda a sua vida. As bocas das cavernas eram tão escuras por dentro que Nezha não conseguia ver mais do que meio metro para lá das entradas, mas as paredes pareciam maravilhosamente lisas, brilhando com um milhão de cores diferentes, como escamas de peixe.

— Olha. — Mingzha apontou para algo na água. — É a capa do pai. Nezha franziu a testa.

— O que é que a capa do pai está a fazer no fundo do rio?

No entanto, a vestimenta pesada meio enterrada na areia era inegavelmente de Yin Vaisra. Nezha podia ver o emblema do dragão bordado em fio de prata contra o vibrante tom de azul-cerúleo que apenas os membros da Casa de Yin tinham permissão para usar.

Mingzha apontou para a gruta mais próxima.

— Veio dali.

Um pavor inexplicável e frio percorreu as veias de Nezha.

— Mingzha, sai daí.

— Porquê? — Mingzha, teimoso e destemido, aproximou-se da caverna.

A água começou a ondular.

Nezha estendeu a mão para puxar o irmão para trás.

— Mingzha, espera...

Algo enorme irrompeu da água.

Nezha viu uma enorme forma escura — algo musculoso e enrolado como uma serpente — antes de uma onda enorme se elevar acima dele e o atirar de bruços para a água.

O rio não devia ser profundo. A água só chegava à cintura de Nezha e aos ombros de Mingzha e ia ficando mais rasa à medida que se aproximavam da gruta. Mas quando Nezha abriu os olhos debaixo de água,

a superfície parecia estar a quilómetros de distância e o fundo da gruta parecia tão vasto como o próprio palácio de Arlong.

Viu uma luz verde-pálida a brilhar no chão da gruta. Viu rostos, belos, mas sem olhos. Rostos humanos incrustados na areia e nos corais e um interminável mosaico cravejado de moedas de prata, vasos de porcelana e lingotes de ouro — um leito de tesouros que se estendia pela gruta até onde a luz alcançava.

Viu uma partícula de movimento — escuridão diante da luz — que desapareceu tão rapidamente como surgira.

Havia alguma coisa errada com a água ali. Algo esticava e alterara as suas dimensões. O que devia ser superficial e luminoso era profundo; profundo, escuro e terrivelmente, hipnoticamente silencioso.

Através do silêncio, Nezha ouviu o som débil do irmão a gritar.

Chutou freneticamente para alcançar a superfície. Parecia estar a quilómetros de distância.

Quando emergiu finalmente da água, os baixios eram novamente meros baixios.

Nezha limpou a água do rio dos olhos, ofegante.

— Mingzha?

O irmão desaparecera. Listas vermelhas manchavam o rio. Algumas das listas eram massas sólidas e irregulares. Nezha sabia o que eram.

— *Mingzha?*

As águas estavam calmas. Nezha caiu de joelhos e vomitou. O vômito misturou-se com a água manchada de sangue.

Ouviu algo tilintar contra as rochas.

Olhou para baixo e viu uma tornozeleira de ouro.

Então, viu uma forma escura erguer-se diante das grutas e ouviu uma voz que vinha do nada e lhe fez vibrar os próprios ossos.

— Olá, pequenino.

Nezha gritou.

PARTE I

CAPÍTULO 1

A alvorada viu o *Petrel* navegar através da névoa rodopiante até à cidade portuária de Adlaga. Destruída por uma tempestade de soldados da Federação durante a Terceira Guerra das Papoilas, a segurança portuária ainda não se tinha recuperado e era quase inexistente — especialmente para um navio de abastecimento com as cores da Milícia. O *Petrel* passou pelos oficiais do porto de Adlaga sem problemas e atracou o mais próximo possível das muralhas da cidade.

Rin apoiou-se na proa, tentando esconder os espasmos nos membros e ignorar a dor latejante nas têmporas. Ela queria ópio, terrivelmente, mas não o podia ter. Hoje, precisava da sua mente alerta. A funcionar. Sóbria.

O *Petrel* bateu contra o cais. Os Cike reuniram-se no convés superior, observando o céu cinzento com uma expectativa tensa enquanto os minutos passavam.

Ramsa tamborilou com o pé no convés.

— Já passou uma hora.

— Paciência — disse Chaghan.

— Pode ser que o Unegen tenha fugido — disse Baji.

— Ele não fugiu — disse Rin. — Ele disse que precisava até ao meio-dia.

— Seria também o primeiro a aproveitar esta oportunidade para se livrar de nós — disse Baji.

Ele tinha razão. Unegen, que já era de longe o mais arisco de todos os Cike, vinha-se lamuriando há dias sobre a sua missão iminente.

Rin enviara-o à frente, por terra, para investigar o alvo em Adlaga. Mas a janela do encontro estava a fechar-se rapidamente e Unegen não aparecia.

— O Unegen não se atreveria — disse Rin, estremeçando quando o esforço para falar provocou pequenas facadas na base do seu crânio. — Ele sabe que eu iria caçá-lo e esfolá-lo vivo.

— Hum — disse Ramsa. — Pele de raposa. Eu gostava de um cachecol novo.

Rin voltou a olhar para a cidade. Adlaga compunha o estranho cadáver de uma cidade, meio viva e meio destruída. Um lado emergira intacto da guerra; o outro tinha sido tão bombardeado que ela podia ver as fundações dos edifícios a surgir da erva enegrecida. A divisão parecia tão exata que existiam meias casas na linha divisória — um lado enegrecido e exposto e o outro oscilando e gemendo diante dos ventos do oceano, mas ainda de pé.

Rin achou difícil imaginar que alguém ainda vivesse na cidade. Se a Federação tivesse sido tão meticulosa aqui como fora em Golyn Niis, então, tudo o que restaria seriam cadáveres.

Por fim, um corvo emergiu das ruínas enegrecidas. Rodeou o navio duas vezes e depois mergulhou em direção ao *Petrel*, como se estivesse a apontar a um alvo. Qara ergueu um braço acolchoado no ar. O corvo saiu do mergulho e enrolou as suas garras no pulso dela.

Qara passou as costas do dedo indicador pela cabeça do pássaro e pela sua espinha. O corvo eriçou as penas quando ela aproximou o bico dele do seu ouvido. Passaram-se vários segundos. Qara ficou parada de olhos fechados, a escutar atentamente algo que o resto deles não conseguia ouvir.

— O Unegen encontrou o Yuanfu — disse Qara. — Na Câmara Municipal, daqui a duas horas.

— Acho que não vais ter aquele cachecol — disse Baji a Ramsa.

Chaghan tirou um saco de debaixo do convés e esvaziou o seu conteúdo nas tábuas.

— Vistam-se todos.

Ramsa tivera a ideia de se disfarçarem com uniformes roubados da Milícia. Os uniformes eram a única coisa que Moag não lhes conseguira

vender, mas não eram difíceis de encontrar. Cadáveres apodrecidos jaziam em pilhas desordenadas à beira da estrada em todas as cidades costeiras abandonadas e foram necessárias apenas duas viagens para encontrarem roupas suficientes que não estivessem queimadas ou cobertas de sangue.

Rin teve de arregaçar os braços e as pernas do seu uniforme. Cadáveres da sua estatura eram difíceis de encontrar. Ela suprimiu a vontade de vomitar enquanto calçava as botas. Tirara a camisa de um corpo preso dentro de uma pira funerária meio queimada e três lavagens com água salgada do oceano ainda não tinham conseguido esconder o cheiro a carne carbonizada.

Ramsa, absurdamente vestido com um uniforme três vezes maior do que o seu tamanho, fez-lhe continência.

— Como estou?

Ela baixou-se para atar os atacadores das botas.

— Porque é que estás a usar isso?

— Rin, por favor...

— Tu não vens.

— Mas eu quero...

— *Tu não vens* — repetiu ela. Ramsa era um génio em munições, mas também era baixo, magro e totalmente inútil num combate corpo a corpo. Ela não ia perder o seu único engenheiro de pólvora porque ele não sabia manejar uma espada. — Não me faças amarrar-te ao mastro.

— Vá lá — choramingou Ramsa. — Estamos neste navio há semanas e estou tão enjoado que me basta andar para ter vontade de vomitar...

— Temos pena. — Rin enfiou um cinto através das presilhas da cintura.

Ramsa tirou um punhado de foguetes do bolso.

— Podes acender estes, então?

Rin lançou-lhe um olhar severo.

— Acho que não percebeste que não vamos tentar explodir Adlaga.

— Ah, não, tu só queres derrubar o governo local, o que é muito melhor.

— Com o mínimo de baixas civis, o que significa que não precisamos de ti. — Rin estendeu a mão e bateu no barril solitário encostado ao mastro. — Aratsha, podes vigiá-lo? Garante que ele não sai do navio.

Um rosto difuso, grotescamente transparente, emergiu da água. Aratsha passava a maior parte do tempo na água, levando os navios dos Cike para onde quer que eles precisassem de ir e quando não estava a invocar o seu deus preferia descansar no seu barril. Rin nunca tinha visto a sua forma humana original. Não tinha a certeza se ele ainda tinha uma.

Bolhas flutuaram da boca de Aratsha quanto ele falou.

— Se tiver de ser.

— Boa sorte — resmungou Ramsa. — Como se eu não conseguisse correr mais depressa do que a porra de um barril.

Aratsha inclinou a cabeça para ele.

— Por favor, lembra-te de que te posso afogar em segundos.

Ramsa abriu a boca para responder, mas Chaghan falou por cima dele.

— Façam a vossa escolha. — Ouviu-se o tilintar de aço quando ele despejou um baú com armas da Milícia no convés. Queixando-se em voz alta, Baji trocou o seu conspícuo ancinho de nove pontas por uma espada de infantaria padrão. Suni pegou numa alabarda imperial, mas Rin sabia que a arma era apenas para exibição. A especialidade de Suni era esmagar cabeças com as suas mãos do tamanho de um escudo. Ele não precisava de mais nada.

Rin prendeu uma cimitarra pirata curva à cintura. Não era uma arma padrão da Milícia, mas as espadas da Milícia eram demasiado pesadas para ela empunhar. Os ferreiros de Moag tinham-lhe feito algo mais leve. Ela ainda não estava habituada ao punho, mas também duvidava que o dia terminasse numa luta de espadas.

Se as coisas se tornassem tão más que ela precisasse de se envolver, então, iria acabar tudo num incêndio.

— Vamos repetir tudo. — Os olhos pálidos de Chaghan percorreram os Cike reunidos. — Isto é cirúrgico. Temos um único alvo. É um assassinio e não uma batalha. Não magoem nenhum civil.

Ele olhou incisivamente para Rin.

Ela cruzou os braços.

— Eu sei.

— Nem sequer por acidente.

— Eu *sei*.

— Para com isso — disse Baji. — Desde quando é que te tornaste tão preocupado com as baixas?

— Já causámos danos suficientes ao vosso povo — disse Chaghan.

— *Tu* causaste danos suficientes — disse Baji. — Eu não destruí aquelas barragens.

Qara estremeceu ao ouvi-lo, mas Chaghan agiu como se não tivesse ouvido uma palavra.

— Não vamos ferir mais civis. Está compreendido?

Rin encolheu os ombros. Chaghan gostava de se armar em comandante e ela raramente estava em condições de se ralar com isso. Ele podia mandar neles o quanto quisesse. Tudo o que importava era que fizessem este trabalho.

Três meses. Vinte e nove alvos, todos mortos sem erro. Mais uma cabeça num saco e depois navegariam para norte para assassinar o seu último alvo: a Imperatriz Su Daji.

Rin sentiu um rubor subir-lhe pelo pescoço ao pensar nisso. As suas palmas ficaram perigosamente quentes.

Agora não. Ainda não. Ela respirou fundo. Depois, fê-lo outra vez, com mais desespero, quando o calor só se estendeu pelo seu tronco.

Baji colocou-lhe a mão no ombro.

— Estás bem?

Ela exalou lentamente. Obrigou-se a contar regressivamente a partir de dez, depois até quarenta e nove em números ímpares e depois novamente para trás em números primos. Altan ensinara-lhe esse truque e funcionava na maior parte das vezes, pelo menos quando ela tomava cuidado para não pensar em Altan quando o usava. O rubor febril diminuiu.

— Estou bem.

— E estás sóbria? — perguntou Baji.

— *Sim* — disse ela com rigidez.

Baji não lhe tirou a mão do ombro.

— Tens a certeza? Porque...

— Eu tenho isto *controlado* — retorquiou ela. — Vamos estripar este sacana.



Três meses antes, depois de os Cike terem partido da Ilha de Speer, eles tinham deparado com um dilema.

Mais precisamente, não tinham para onde ir.

Sabiam que não podiam regressar ao continente. Ramsa salientara, com bastante astúcia, que se a Imperatriz estivera disposta a vender os Cike aos cientistas da Federação, então, não ficaria feliz por os ver vivos e livres. Uma rápida e furtiva viagem de abastecimento a uma pequena cidade costeira na Província da Serpente confirmara as suas suspeitas. Os rostos de todos estavam estampados nos quadros de informações da aldeia. Tinham sido declarados criminosos de guerra. Havia recompensas para a sua prisão: quinhentas pratas imperiais mortos, seiscentas vivos.

Tinham roubado todos os caixotes de provisões que puderam e apressaram-se a sair da Província da Serpente antes que alguém os visse.

De volta à Baía de Omonod, tinham debatido as suas opções. A única coisa em que todos concordavam era que precisavam de matar a Imperatriz Su Daji — a Viberatriz, o último membro do Trio e a traidora que vendera a sua nação à Federação.

Mas eles eram nove pessoas — oito, sem Kitay — contra a mulher mais poderosa do Império e as forças combinadas da Milícia Imperial. Tinham poucos mantimentos, apenas as armas que transportavam às costas e um barco roubado tão danificado que passavam metade do tempo a retirar água dos conveses inferiores.

Então, tinham navegado para sul, para lá da Província da Serpente até ao território do Galo, seguindo a costa até chegarem à cidade portuária de Ankhiluun. Ali, tinham sido contratados pela Rainha Pirata Moag.

Rin nunca conhecera ninguém que respeitasse tanto como Moag — a Vadia de Pedra, a Viúva Mentirosa e a governante implacável de Ankhiluun. Era uma consorte que se tornara pirata, passando de Senhora a Rainha quando assassinara o marido, e geria Ankhiluun há anos como um enclave ilegal de comércio externo. Tivera algumas escaramuças com o Trio durante a Segunda Guerra das Papoilas e vinha rechaçando os batedores da Imperatriz desde então.

Estava bastante contente por poder ajudar os Cike a livrá-la de Daji para sempre.

Em troca, exigira trinta cabeças. Os Cike tinham entregado vinte e nove. A maioria eram contrabandistas, capitães e mercenários de baixo escalão. A principal fonte de rendimento de Moag provinha da importação de ópio de contrabando e ela gostava de estar atenta aos traficantes de ópio que não seguiam as suas regras — ou, pelo menos, que não lhe enchiam os bolsos.

O trigésimo alvo seria mais difícil. Hoje, Rin e os Cike pretendiam derrubar o governo local de Adlaga.

Moag vinha tentando entrar no mercado de Adlaga há anos. A pequena cidade costeira não oferecia muito, mas os seus civis, muitos deles com vícios persistentes de opiáceos desde os dias da ocupação da Federação, gastariam de bom grado as suas poupanças em importações de Ankhiluun. A única razão pela qual Adlaga resistira ao comércio agressivo de ópio de Moag nas últimas duas décadas devia-se a um magistrado municipal particularmente vigilante, Yang Yuanfu, e à sua administração.

Moag queria Yang Yuanfu morto. Os Cike especializavam-se em assassínios. Juntos eram o sonho de qualquer casamenteiro.

Três meses. Vinte e nove cabeças. Apenas mais um trabalho e eles teriam prata, navios e soldados suficientes para distrair a Guarda Imperial por tempo suficiente para Rin marchar até Daji e rodear-lhe a garganta com os seus dedos flamejantes.

Se a segurança portuária era frouxa, a defesa da muralha era inexistente. Os Cike passaram pelas muralhas de Adlaga sem interferência — o que não era difícil de fazer, considerando que a Federação tinha aberto grandes buracos em todo o perímetro e nenhum deles estava vigiado.

Unegen encontrou-se com eles atrás dos portões.

— Escolhemos um bom dia para um assassinio — disse ele enquanto os guiava pela rua. — Yuanfu vai estar na praça da cidade ao meio-dia para uma cerimónia de comemoração da guerra. Vai estar na rua em plena luz do dia e podemos atingi-lo a partir dos becos sem mostrarmos a cara.

Ao contrário de Aratsha, Unegen preferia a sua forma humana quando não estava a invocar os poderes de transformação do espírito

da raposa. Mas Rin sentira sempre algo nitidamente vulpino no modo como ele se comportava. Unegen era astuto e assustava-se facilmente; os seus olhos estreitos estavam sempre a mover-se de um lado para o outro, procurando todas as possíveis rotas de fuga.

— Então, temos o quê, duas horas? — perguntou Rin.

— Um pouco mais. Há um armazém a alguns quarteirões daqui que está praticamente vazio — disse ele. — Podemos esconder-nos e esperar lá dentro. Depois, hum... separamo-nos facilmente se as coisas correrem mal.

Rin virou-se para os Cike, pensando.

— Tomamos os cantos da praça quando o Yuanfu aparecer — decidiu ela. — Suni no Sudoeste. Baji no Noroeste e eu fico com o Nordeste.

— Distrações? — perguntou Baji.

— Não. — Normalmente, as distrações eram uma ideia fantástica e Rin adorava mandar Suni causar o máximo de estragos possível enquanto ela ou Baji avançavam para cortar a garganta do alvo, mas durante uma cerimónia pública o risco para os civis era demasiado grande. — Vamos deixar a Qara fazer o primeiro disparo. O resto de nós abre um caminho de volta ao navio se eles oferecerem resistência.

— Ainda estamos a tentar fingir que somos mercenários normais? — perguntou Suni.

— Mais vale — disse Rin. Eles tinham feito um trabalho decente até agora, ocultando a extensão das suas capacidades ou, pelo menos, silenciando qualquer um que espalhasse boatos. Daji não sabia que os Cike estavam atrás dela. Quanto mais ela acreditasse que eles estavam mortos, melhor. — Mas estamos a lidar com um adversário melhor do que o normal, portanto, façam o que for preciso. No fim de contas, queremos uma cabeça no saco.

Respirou fundo e reviu mentalmente o plano mais uma vez, pensando.

Ia funcionar. Ia correr bem.

Criar estratégias com os Cike era como jogar um jogo de xadrez no qual ela tinha várias peças extremamente poderosas, imprevisíveis e bizarras. Aratsha comandava as águas. Suni e Baji eram guerreiros frenéticos, capazes de arrasar esquadrões inteiros sem sequer suar. Unegen podia transformar-se numa raposa. Qara não só comungava com os

pássaros, como também conseguia atirar no olho de um pavão a cem metros de distância. E Chaghan... ela não tinha bem a certeza do que Chaghan fazia, além de a irritar sempre que podia, mas ele parecia ser capaz de fazer as pessoas enlouquecerem.

Todos eles combinados contra um único responsável municipal e os seus guardas parecia um exagero.

Mas Yang Yuanfu estava habituado a tentativas de assassínio. Tinha de estar, já que era um dos poucos funcionários incorruptos que restavam no Império. Protegia-se com um esquadrão dos homens mais experientes da província, onde quer que fosse.

Rin sabia, com base nos relatórios de Moag, que Yang Yuanfu tinha sobrevivido a pelo menos treze tentativas de assassínio nos últimos quinze anos. Os seus guardas estavam bastante habituados à traição. Para os vencer, eram precisos combatentes com capacidades pouco naturais. Era preciso um exagero.

Uma vez dentro do armazém, os Cike não tinham mais nada para fazer senão esperar. Unegen ficou a vigiar pelas ripas da parede, estremeendo continuamente. Chaghan e Qara sentaram-se com as costas encostadas à parede, em silêncio. Suni e Baji ficaram de pé, relaxados, com os braços descontraidamente cruzados, como se estivessem simplesmente à espera do jantar.

Rin andava pela sala, concentrando-se na sua respiração e tentando ignorar as pontadas de dor nas têmporas.

Contava trinta horas desde que ingerira ópio. Era o maior período de tempo que passava sem o tomar em semanas. Torcia as mãos enquanto caminhava, tentando forçar as contrações a desaparecer.

Não ajudou. Também não interrompeu a dor de cabeça.

Porra.

A princípio, ela pensara que só precisava do ópio para a dor. Achava que iria fumá-lo para obter alívio até as lembranças de Speer e de Altan se transformarem numa dor ligeira, até poder viver sem a culpa sufocante do que tinha feito.

Rin achava que a palavra para isso devia ser *culpa* — para o sentimento irracional, não o conceito moral. Porque dizia a si mesma que

não lamentava, que os mugeneses mereciam o que tinham recebido e que ela nunca olharia para trás. Só que a memória pairava como um abismo imenso na sua mente, para onde tinha atirado todos os sentimentos humanos que a ameaçavam.

No entanto, o abismo continuava a chamá-la, a pedir-lhe para olhar para lá. Para cair lá dentro.

E a Fénix não a queria deixar esquecer. A Fénix queria que ela se regozijasse com isso. A Fénix vivia da raiva e a raiva estava intrinsecamente ligada ao passado. Portanto, a Fénix precisava de rasgar as feridas abertas na mente dela e atear-lhes fogo, dia após dia, porque isso dava-lhe memórias e essas memórias alimentavam a raiva.

Sem ópio, as visões passavam constantemente pela mente de Rin, muitas vezes mais vívidas do que a realidade que a rodeava.

Por vezes, eram visões de Altan. Com mais frequência não eram. A Fénix era um canal para gerações de memórias. Milhares e milhares de *speerlies* tinham orado ao deus na sua dor e desespero. E o deus reunira o sofrimento deles, armazenara-o e transformara-o em chamas.

As memórias também podiam ser enganosamente calmas. Às vezes, Rin via crianças de pele morena a correr de um lado para o outro numa praia branca e imaculada. Via chamas a arder cada vez mais alto na costa — não piras funerárias, não chamas de destruição, mas fogueiras. Fogos de celebração. Fogos de lareiras, quentes e sustentadores.

E, às vezes, ela via os *speerlies*, em número suficiente para encherem uma aldeia próspera. Ficava sempre surpreendida com a *quantidade* deles, uma raça inteira de pessoas que ela receava às vezes ter apenas sonhado. Se a Fénix permanecia, então, Rin conseguia até captar fragmentos de conversas num idioma que ela quase entendia, conseguia ver vislumbres de rostos que quase reconhecia.

Eles não eram as feras ferozes das lendas de Nikan. Não eram os guerreiros estúpidos que o Imperador Vermelho precisara que fossem e todos os regimes subsequentes os tinham forçado a ser. Eles amavam, riam e choravam em redor das suas fogueiras. Eram *pessoas*.

Mas de todas as vezes, antes que Rin pudesse mergulhar na memória de uma herança que não tinha, ela via no horizonte longínquo barcos vindos da base naval da Federação no continente.

O que acontecia a seguir era uma névoa de cores, perspectivas acumuladas que mudavam demasiado rápido para Rin conseguir acompanhar. Gritos, berros, movimento. Fileiras e mais fileiras de speerlies alinhados na praia, com armas nas mãos.

Mas nunca era suficiente. Para a Federação, eles deviam ter parecido selvagens, usando paus para lutar contra deuses, e os estrondos dos tiros de canhão incendiavam a aldeia tão rapidamente como se alguém tivesse usado um fósforo para queimar palha.

Bolas de gás eram lançadas dos navios-torre com estalidos terrivelmente inocentes. No local onde atingiam o solo, expeliam nuvens enormes e espessas de um fumo amarelo acre.

As mulheres caíam. As crianças contorciam-se. As fileiras dos guerreiros desfaziavam-se. O gás não matava imediatamente, os seus inventores não eram assim tão generosos.

Então, o massacre começava. A Federação disparava contínua e indiscriminadamente. As bestas mugenasas podiam disparar três flechas de cada vez, desencadeando uma barragem incessante de metal que rasgava pescoços, crânios, membros e corações.

O sangue derramado traçava padrões de mármore na areia branca. Os corpos ficavam imóveis onde caíam. Ao amanhecer, os generais da Federação marchavam até à costa, onde as suas botas pisavam com indiferença os corpos esmagados, avançando para espetarem a sua bandeira na areia manchada de sangue.

— Temos um problema — disse Baji.

Rin voltou de imediato a prestar atenção.

— O quê?

— Olha.

Ela ouviu o som repentino de sinos a tocar — um som feliz, totalmente deslocado nesta cidade em ruínas. Encostou o rosto contra uma abertura nas ripas do armazém. Um dragão de pano baloiçava para cima e para baixo no meio da multidão, preso a postes erguidos pelos dançarinos que estavam por baixo. A seguir, vinham bailarinos a agitar serpentinas e fitas, acompanhados por músicos e funcionários do governo sentados em liteiras vermelhas. Atrás deles estava a multidão.

— Disseste que era uma cerimónia pequena — disse Rin. — E não um maldito desfile.

— Estava tudo tranquilo há apenas uma hora — insistiu Unegen.

— E agora toda a cidade está aglomerada naquela praça. — Baji semicerrou os olhos através das ripas. — Ainda vamos manter a regra de «sem vítimas civis»?

— Sim — disse Chaghan antes que Rin pudesse responder.

— Não és nada divertido — disse Baji.

— As multidões facilitam os assassínios de alvos específicos — disse Chaghan. — É uma oportunidade melhor para chegarmos perto. Para fazermos o nosso ataque sem sermos vistos e depois esgueirarmo-nos antes que os guardas dele tenham tempo de reagir.

Rin abriu a boca para dizer que, mesmo assim, ainda havia demasiadas testemunhas, mas as cólicas da abstinência atingiram-na primeiro. Uma onda de dor percorreu os seus músculos, começando nas suas entranhas e explodindo, tão de repente que por um momento o mundo ficou preto e tudo o que ela conseguiu fazer foi agarrar o peito, ofegante.

— Estás bem? — perguntou Baji.

Uma onda de bílis subiu-lhe pela garganta antes que ela conseguisse responder. Ela vomitou. Uma segunda onda de náusea atingiu-lhe o estômago. E, depois, uma terceira.

Baji colocou a mão no ombro dela.

— Rin?

— Eu estou *bem* — insistiu ela pelo que parecia ser a milésima vez.

Ela não estava bem. A sua cabeça latejava novamente e, desta vez, a dor era acompanhada por uma náusea que lhe tomou conta das costelas e não a largou até ela se dobrar de joelhos, choramingando.

O vómito espalhou-se pelo chão.

— Mudança de planos — disse Chaghan. — Rin, volta para o navio. Ela limpou a boca.

— Não.

— Estou a dizer-te que não estás em condições de ser útil.

— E eu sou o teu comandante — disse ela. — Portanto, cala-te e faz o que eu digo.

Os olhos de Chaghan semicerraram-se. O armazém ficou em silêncio.

Rin e Chaghan vinham lutando pelo controlo dos Cike há meses. Ele questionava as decisões dela a cada passo, aproveitando todas as oportunidades possíveis para deixar bem claro que achava que Altan tinha tomado uma decisão estúpida ao nomeá-la comandante.

E Rin sabia, com toda a justiça, que ele tinha razão.

Ela era péssima na liderança. A maior parte dos seus planos de ataque nos últimos três meses resumia-se a «ataquem todos ao mesmo tempo e vamos ver se corre tudo bem».

Mas, esquecendo a capacidade de comando, ela tinha de estar ali. Tinha de executar a missão de Adlaga. Desde que haviam deixado Speer, as suas crises de abstinência apenas tinham piorado cada vez mais. Ela estivera funcional, em geral, durante as primeiras missões para Moag. Depois, as mortes intermináveis, os gritos e os *flashbacks* do campo de batalha começaram a desencadear a sua raiva vezes sem conta, até ela passar mais horas do dia drogada do que sóbria e, mesmo quando *estava* sóbria, sentia-se como se ainda estivesse a oscilar à beira da loucura porque a porra da Fénix nunca se calava.

Precisava de se afastar do precipício. Se não conseguisse realizar esta tarefa básica e simples, se não conseguisse matar um responsável municipal que nem sequer era xamã, dificilmente seria capaz de enfrentar a Imperatriz.

E ela não podia perder a oportunidade de se vingar. A vingança era a única coisa que tinha.

— Não comprometas isto — disse Chaghan.

— Não me trates com condescendência — retorquiu ela.

Chaghan suspirou e virou-se para Unegen.

— Podes vigiá-la? Eu dou-te láudano.

— Achava que ia voltar para o navio — disse Unegen.

— Mudança de planos.

— Está bem. — Unegen encolheu os ombros. — Se tiver de ser.

— Vamos — disse Rin. — Não preciso de uma ama.

— Tu esperas na esquina da multidão — ordenou Chaghan, ignorando-a. — Não saís de perto do Unegen. Vocês os dois vão atuar como reforços e, tirando isso, serão o último recurso.

Ela franziu o sobrolho.

— Chaghan...

— O *último recurso* — repetiu ele. — Já mataste inocentes suficientes.

Chegara a hora. Os Cike dissiparam-se, saindo do armazém para se juntarem à multidão em movimento, um por um.

Rin e Unegen misturaram-se com as massas de Adlaga com bastante facilidade. As ruas principais estavam apinhadas de civis, todos envolvidos nas suas próprias desgraças, e havia tantos ruídos e imagens vindos de todas as direções que Rin, sem saber para onde olhar, não conseguia evitar sentir-se num estado constante de pânico ligeiro.

Uma mistura descontroladamente discordante de gongos e tambores de guerra abafava a música dos alaúdes na frente do desfile. Os comerciantes apregoavam os seus produtos sempre que viravam uma esquina, gritando os preços com o tipo de urgência que ela associava aos avisos de evacuação. Confetes vermelhos comemorativos cobriam as ruas, atirados às mãos cheias por crianças e artistas, numa chuva de pedacinhos de papel vermelho que cobria todas as superfícies.

— Como é que eles têm fundos para isto? — murmurou Rin. — A Federação deixou-os a morrer de fome.

— Ajuda de Sineward — adivinhou Unegen. — Fundos para comemorações do fim da guerra. Mantém-nos felizes, mantém-nos leais.

Rin via comida em todo o lado para onde olhava. Enormes cubos de melancia em palitos. Pãezinhos de feijão vermelho. Barracas onde se vendiam guiozas de sopa com molho de soja e empadas de sementes de lótus alinhavam-se nas ruas. Os comerciantes viravam bolos de ovo com movimentos hábeis, e o crepitar do óleo, que em qualquer outra circunstância a deixaria com fome, agora apenas lhe fazia revirar o estômago juntamente com todos os cheiros pungentes.

Parecia ao mesmo tempo injusto e impossível que pudesse haver tanta abundância de comida. Há poucos dias, eles tinham passado por pessoas que afogavam os seus bebés na lama do rio, porque essa era uma morte mais rápida e misericordiosa do que deixá-los morrer lentamente de fome.

Se tudo isto viera de Sinegard, então, isso significava que a burocracia imperial possuía armazéns de alimentos como estes o tempo todo. Porque é que os tinham ocultado durante a guerra?

Se o povo de Adlaga estava a fazer a mesma pergunta, não o demonstrava. Todos pareciam muito *felizes*. Os rostos estavam relaxados devido ao simples alívio de a guerra ter acabado, o Império ter saído vitorioso e eles estarem seguros.

E isso deixou Rin furiosa.

Ela sempre tivera problemas com a raiva e sabia-o. Em Sinegard, agia constantemente em explosões furiosas e impulsivas e lidava com as consequências mais tarde. Mas agora a raiva era permanente, uma fúria indescritível que lhe era imposta e que ela não conseguia conter nem controlar.

Contudo, também não queria que parasse. A raiva era um escudo. A raiva ajudava-a a não se lembrar do que tinha feito. Porque, enquanto estivesse *furiosa* estava tudo bem — ela agira dentro do razoável. Rin tinha medo de se desfazer se deixasse de estar furiosa.

Tentou distrair-se examinando a multidão em busca de Yang Yuanfu e os seus guardas. Tentou concentrar-se na tarefa em mãos.

O seu deus não o permitiu.

Mata-os, encorajava a Fénix. Eles não merecem esta felicidade. Eles não lutaram.

Ela teve uma visão repentina do mercado em chamas. Abanou a cabeça freneticamente, tentando desligar a voz da Fénix.

— Não, para...

Fá-los arder.

O calor explodiu nas suas palmas. Ela sentiu as entranhas contorcerem-se. Não, não aqui, não agora. Fechou os olhos com força.

Transforma-os em cinzas.

A sua pulsação começou a acelerar, a visão estreitou-se até ao diâmetro da cabeça de um alfinete e depois expandiu-se novamente. Ela sentiu-se febril. A multidão parecia, de repente, cheia de inimigos. Num instante, eram todos soldados da Federação de uniforme azul transportando armas; noutra, eram outra vez civis. Ela respirou fundo,

sufocada, e tentou forçar o ar a entrar nos pulmões, de olhos bem fechados enquanto desejava que a névoa vermelha desaparecesse mais uma vez.

Desta vez, não estava a acontecer.

Os risos, a música, os rostos sorridentes à sua volta, tudo a fazia querer gritar.

Como é que se atreviam a viver quando Altan estava morto? Parecia terrivelmente injusto que a vida pudesse continuar e que aquelas pessoas pudessem estar a celebrar uma guerra que não tinham vencido pelas suas mãos, quando não tinham sofrido pela vitória...

O calor nas suas mãos intensificou-se.

Unegen agarrou-a pelo ombro.

— Pensei que tinhas as tuas merdas sob controlo.

Ela deu um salto e virou-se.

— *E tenho!* — sibilou. Demasiado alto. As pessoas em seu redor afastaram-se dela.

Unegen puxou-a para o limite da multidão, para a segurança das sombras sob as ruínas de Adlaga.

— Estás a atrair as atenções.

— Eu estou *bem*, Unegen, larga-me...

Ele não o fez.

— Precisas de te acalmar.

— Eu sei...

— Não. Eu quero dizer, *agora*. — Acenou com a cabeça por cima do ombro dela. — Ela está aqui.

Rin virou-se.

E ali estava a Imperatriz, transportada como uma noiva num palanquim de seda vermelha.